

Semiótica é um Método ou uma Disciplina? Análise Bibliométrica da Pesquisa Brasileira em Semiótica

Is Semiotics a Method or a Discipline? A Bibliometric Analysis of Brazilian Research in Semiotics

Tarcísio Cardoso

Universidade Federal da Bahia – Bahia – Brasil

Leonardo Costa

Universidade Federal da Bahia – Bahia – Brasil

Resumo: A semiótica, ciência dos signos, carrega uma fragmentação originária entre as tradições peirciana, discursiva e da cultura. No Brasil, o campo está em expansão, mas carece de estudos que caracterizem como a pesquisa em semiótica vem sendo praticada. Este artigo realiza uma análise bibliométrica de 4.398 teses e dissertações (2014-2023) filtradas com base nos termos "semiótica", "semiótico" e "semiose". Os resultados revelam uma hegemonia do Sudeste em números absolutos, mas com indicadores que reposicionam o Nordeste e o Centro-Oeste quando considerada a produção relativa; concentração em Linguística, Letras e Artes; a predominância da tradição conhecida como semiótica discursiva (seguida de estudos interdisciplinares, da semiótica peirciana, e da semiótica da cultura); além da prevalência de seis grupos temáticos distintos (linguagens verbais, comunicação e marketing, educação, artes e design, ciências exatas, ciências humanas), que mobilizam a semiótica de maneiras distintas. A análise sugere que, na prática, a semiótica no Brasil não constitui um campo unificado, mas sim um conjunto plural de abordagens que atravessa disciplinas, operando ora como ciência com tradições e objetos próprios, ora como método transversal apropriado por áreas diversas para finalidades específicas.

Palavras-chave: Semiótica; Bibliometria; Produção Científica Brasileira; Interesses de Pesquisa; Método; Disciplina.

Abstract: Semiotics, the science of signs, carries an original fragmentation among the Peircean, discursive, and cultural traditions. In Brazil, the field is expanding, but there is a lack of studies that characterize how semiotic research has been practiced. This article conducts a bibliometric analysis of 4,398 theses and dissertations (2014-2023) filtered based on the terms "semiotics," "semiotic," and "semiose." The results reveal a hegemony of the Southeast region in absolute numbers, but with indicators that reposition the Northeast and Midwest regions when considering relative production; a concentration in Linguistics, Letters, and Arts; the predominance of the tradition known as discursive semiotics (followed by interdisciplinary studies, Peircean semiotics, and the semiotics of culture); in addition to the prevalence of six distinct thematic groups (verbal languages, communication and marketing, education, arts and design, exact sciences, human sciences), which mobilize semiotics in different ways. The analysis suggests that, in practice, semiotics in Brazil does not constitute a unified field, but rather a plural set of approaches that cuts across disciplines, operating sometimes as a science with its own traditions and objects, and sometimes as a transversal method appropriated by diverse areas for specific purposes.

Keywords: Semiotics; Bibliometrics; Brazilian Scientific Production; Research Interests; Method; Discipline.

1 Introdução

A expressão “virada linguística” tenta representar uma guinada nas ciências humanas no século XX, que trouxe diversas transformações estruturais. Impulsionada pela crise da metafísica do século XIX, a virada linguística deslocou o foco filosófico das problemáticas da “consciência” para a da “linguagem”. Por linguagem, cada vez mais se entendia um sistema codificado que ativamente molda e constrói nossa experiência de mundo e até mesmo nossa ideia de “realidade”. Esse realinhamento de rotas redefiniu a filosofia, dividindo-a em tradições analítica e continental. Apenas sobre a vertente continental, é preciso lembrar ainda que a virada linguística impactou muito além da filosofia. Impactou profundamente a sociologia, que passa a conceber a realidade é uma construção social (Berger; Luckmann, 2014); os estudos literários, ao mover a análise da intenção do autor para a estrutura do texto; além de ter motivado o surgimento de novas disciplinas cruciais para as questões da linguagem, como a semiótica, entendida como o estudo dos signos e das linguagens (Barthes, 2001; Eco, 1983; Fiorin, 1996; Greimas et al., 2008; Lotman, 1996; Machado, 2003; Peirce, 2005; Santaella, 1983; Saussure, 2012). Além da semiótica, ao longo de todo o século XX, diversas outras “ciências da linguagem” foram surgindo, como: a própria linguística moderna (a partir de Saussure) (Saussure, 2012); a hermenêutica, entendida como filosofia da interpretação (a partir de Dilthey, mas sobretudo com Heidegger e Gadamer) (Schmidt, 2012); a análise do discurso de linha francesa, que sistematizou formas discursivas e dispositivos de enunciação (especialmente com Pêcheux, Charaudeau e Maingueneau) (Orlandi, 1999, 2012); ou ainda a corrente que ficou conhecida como a análise crítica do discurso, de linha britânica, focada mais especificamente na relação entre linguagem e poder (Fairclough, 2001; Van Dijk, 2008), todas elas sugerem a ideia de que todo conhecimento é mediado simbolicamente.

O presente trabalho se propõe a focalizar uma dessas “novas ciências” da linguagem, a semiótica,

considerando um território específico, o Brasil. Nossa motivação de pesquisa é mapear como a semiótica tem sido levada adiante pelas pesquisas de pós-graduação no Brasil, mais especificamente, nas teses e dissertações. O caráter “metacientífico” (Santaella; Vieira, 2008) de um estudo como este deve estar claro: nosso interesse é caracterizar o estado atual das pesquisas em semiótica no Brasil.

Para cumprir esse objetivo, adotamos a bibliometria como procedimento metodológico central. Por meio dela, foi possível mapear e quantificar, de forma sistemática e replicável, as características da produção científica em semiótica nos programas de pós-graduação brasileiros. A partir dos microdados disponibilizados pela CAPES, aplicamos filtros linguísticos e categorizações baseadas nas principais tradições semióticas (peirciana, discursiva e da cultura) a um *corpus* de 4.398 teses e dissertações defendidas no Brasil entre 2014 e 2023. Essa abordagem nos permitiu não apenas dimensionar a produção, mas também identificar padrões regionais, institucionais e temáticos que configuram o campo na prática.

O artigo está estruturado em seis seções, além desta introdução. Na seção 2, contextualizamos a origem e a fragmentação do campo semiótico em suas três tradições fundadoras. A seção 3 detalha os procedimentos metodológicos da análise bibliométrica. Na seção 4, apresentamos os resultados relativos à distribuição geográfica, institucional e por áreas do conhecimento. A seção 5 discute a relação dos trabalhos contemporâneos com as tradições da semiótica. A seção 6 aprofunda a análise contemporânea, focando nos termos recorrentes, e propõe uma tipologia de seis grupos de áreas que mobilizam a semiótica de maneiras distintas. Por fim, na seção 7, discutimos as implicações desses achados para a compreensão do estatuto da semiótica no Brasil, encerrando com considerações finais e perspectivas para pesquisas futuras.

2 Semiótica, sua origem e suas tradições

Uma controvérsia curiosa sobre a semiótica está em sua própria origem como ciência moderna, já que nasce fragmentada. Isto é, como ciência sistematizada, a semiótica tem um surgimento particularmente estranho: ela surge simultaneamente (nos anos finais do século XIX) em três partes do globo terrestre (EUA, Europa Ocidental [Suíça] e Leste Europeu [países eslavos e depois União Soviética]), com o mesmo nome, a partir de autores e bases teóricas muito diferentes, mas sem um ter o conhecimento do outro (Santaella, 1983, p. 15). Talvez essa tripla “paternidade” muito peculiar na história das ciências represente boa parte da dificuldade de definir sob um mesmo nome (semiótica) abordagens tão fundamentalmente diferentes. Isto porque o que foi batizado como semiótica pelos seus três “pais” são também propostas epistemológicas muito diferentes. Todas as três se baseiam na ideia de que semiótica (do grego “*semiotiké*”) é a ciência dos signos (Nöth, 1995) (“*semeion*” é o termo grego para signo), mas o que entendem por signo são coisas muito diferentes, já que partem da filosofia (EUA), da linguística (Europa) e da literatura (países eslavos).

A polissemia do termo semiótica tem outras consequências. Como explicado por Santaella (1983), desde a sua origem, os tipos gerais de semiótica costumam se ramificar em três: semiótica discursiva (relacionada à tradição do estruturalismo francês), semiótica peirciana (como o próprio nome diz, relacionada à filosofia de C. Peirce) e semiótica da cultura (relacionada à escola de Tartu-Moscou, mas com origem vinculada aos estudos eslavos mencionados). A tradição discursiva tende a se aproximar dos estudos do discurso, das formas de enunciação e da análise de textos (não necessariamente o verbal, mas tomando o texto verbal como base). A tradição peirciana tende a se aproximar dos estudos da lógica, da filosofia da ciência e da filosofia da linguagem (não necessariamente a linguagem verbal, nem mesmo partindo da ideia de linguagem, mas da noção de signo, de pensamento e de investigação, além de partir de uma fenomenologia própria). Por sua vez, a tradição da semiótica da cultura costuma se aproximar dos estudos dos

chamados textos culturais (novamente, não necessariamente do texto verbal, mas do entrecruzamento de dois ou mais sistemas modelizantes).

Apesar de toda a pluralidade inerente à própria origem da semiótica, o que o presente trabalho vai fazer é olhar para o conjunto de trabalhos contemporâneos que se utilizam da semiótica, considerando essa pluralidade de interpretações e abordagens como pertencendo a um mesmo conjunto de pesquisas, a saber: as pesquisas que abertas e espontaneamente utilizam o termo “semiótica”, “semiótico” ou “semiose”. Cumpre ressaltar que esta tarefa não deve se confundir com um projeto unificador da diversidade de abordagens, nem deve ser entendida como apaziguadora de controvérsias inerentes ao próprio território de um campo científico. Vale lembrar, por um lado, que ao longo dos últimos cem anos, diversas foram as tentativas de unificar a semiótica ou mesmo demarcá-la como um campo do conhecimento plenamente autônomo e mesmo uma disciplina, mas, até o presente momento, tal tarefa parece estar longe de ter um desfecho pacífico. Por outro lado, como os dados aqui analisados mostram, o número de pesquisas interessadas em semiótica vem aumentando, o que sugere que, a despeito de toda dificuldade inerente a um projeto de demarcação, o campo de pesquisas em semiótica está em franca expansão.

3 Bibliometria como método de análise

A bibliometria consolidou-se como um método fundamental para estudar a ciência da ciência, ou seja, investigar cientificamente a própria atividade científica. Desenvolvida a partir dos anos 1970, essa abordagem reuniu pesquisadores de diferentes países para estudar cientificamente a atividade de pesquisa. Por meio de técnicas quantitativas e estatísticas, a bibliometria permite mapear padrões na produção do conhecimento, identificar tendências emergentes, avaliar redes de colaboração entre pesquisadores e instituições, além de revelar a dinâmica de evolução das diferentes áreas científicas.

O presente estudo adotou uma abordagem computacional para a análise sistemática de dissertações e teses em semiótica, utilizando a linguagem de programação R para o processamento, a filtragem e a categorização automática dos dados. A metodologia desenvolvida permitiu o tratamento de grandes volumes de informações de forma replicável.

Foram utilizadas as planilhas disponibilizadas pelo projeto Dados Abertos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que oferece os microdados de todos os trabalhos de pós-graduação defendidos no Brasil desde 1987.

Desenvolveu-se, a partir de *prompts* na inteligência artificial generativa DeepSeek, *scripts* específicos em R para filtrar termos em planilhas do Excel contendo metadados de produções acadêmicas, para a agregação de múltiplos arquivos e para a categorização dos trabalhos. Foram filtrados os seguintes termos nos títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos: “semiótica”, “semiótico” e “semiose”. Com base nesses filtros, foram identificadas 4.398 teses e dissertações defendidas no Brasil entre 2014 e 2023.

Num segundo momento, foram elaboradas planilhas de tratamento, que organizaram os resultados apresentados de acordo com o que a pesquisa buscava revelar. Por exemplo, para traçar a evolução do volume de produção científica em semiótica, ano a ano, era preciso elencar o total de produção de cada ano, criar um vetor e gerar os gráficos correspondentes. O mesmo aconteceu com a análise do cenário geográfico das pesquisas em semiótica no Brasil, em que foi preciso ter os dados separados por região, por programa, por área, por autor etc.

Finalmente, foram realizadas as análises propriamente ditas, com o objetivo de identificar como está o cenário da prática da pesquisa em semiótica no Brasil contemporâneo. Isto é, considerando questões geográficas, como diferenças regionais, produção científica, proporção por habitante, produção por área, instituições de ensino, programas. Além disso, realizou-se uma busca por termos comumente

associados às tradições semióticas, a fim de identificar as relações entre as pesquisas atuais e as tradições da semiótica. Por fim, foi realizada uma análise dos termos utilizados nas pesquisas nas diferentes áreas de estudo que se interessam pela semiótica. A seguir, expomos os resultados das análises.

4 Análise do cenário das pesquisas em semiótica no Brasil

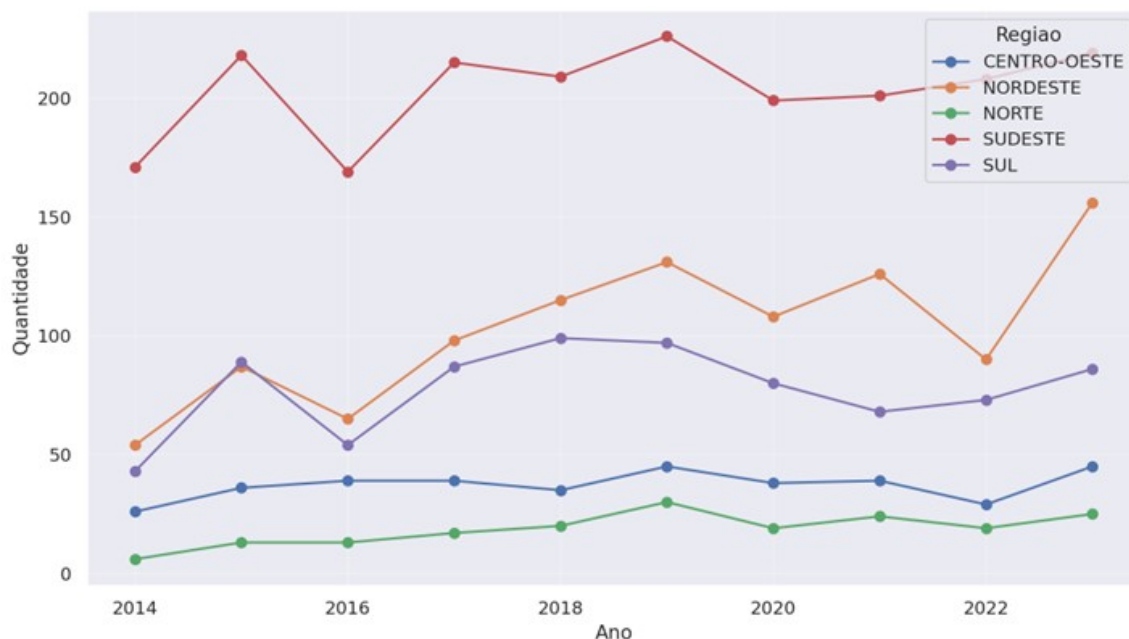
Os dados revelam um padrão de volatilidade no número de teses e dissertações ao longo dos anos, caracterizado por flutuações significativas no número de publicações (Figura 1). Em 2015, por exemplo, registou-se um crescimento de 48%, seguido de uma queda de 23% no ano seguinte. O impacto da pandemia tornou-se visível em 2020, com uma queda de 16%, mas os números recuperaram-se em 2023, com uma subida de 27% que culminou num total de 531 resultados, o valor mais elevado da série analisada. Apesar de uma média anual situada nas 440 ocorrências, os dados não indicam crescimento linear, mas sim ciclos alternados, com picos notáveis em 2015, 2017, 2019 e 2023, sugerindo uma dinâmica de expansão e contração ao longo do tempo, com um cenário de expansão quando considerado o conjunto do intervalo temporal investigado.

Figura 1 –Total de Resultados por ano e Crescimento ano a ano.

Fonte: Autoria própria.

A análise da variação temporal por região (Figura 2) revela um claro protagonismo do Sudeste, que mantém uma liderança consistente ao longo de todos os anos do período analisado, consolidando seu papel como principal polo gerador de resultados, com 46,3% das teses e dissertações. A região Nordeste, com 23,4% do total, por sua vez, destaca-se não apenas pelo crescimento expressivo, mas também por uma trajetória marcada por maior volatilidade, alternando entre períodos de forte expansão e ligeiras retrações. Num patamar intermédio, posicionam-se as regiões Sul e Centro-Oeste, com desempenhos estáveis que as tornam contribuintes relevantes, com 17,6% e 8,5% respectivamente, embora distantes da liderança do Sudeste. Por fim, a região Norte, embora apresente os valores mais baixos do conjunto, com

4,2% do total, revela uma tendência de crescimento nos últimos anos, sinalizando um movimento positivo de redução das assimetrias regionais e de interiorização da capacidade de produção científica e acadêmica no país.

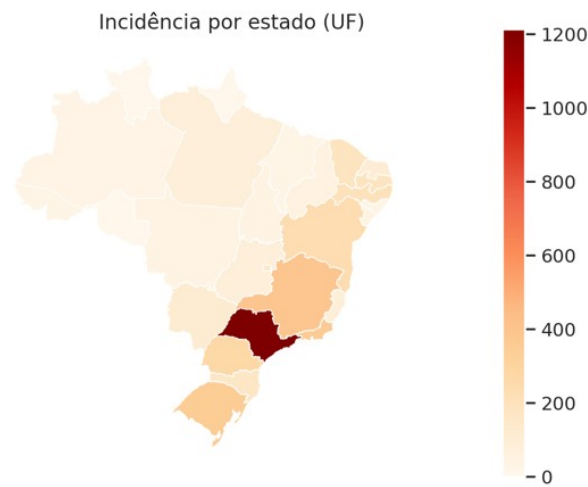
Figura 2 – Resultados por Região (por ano).

Fonte: Autoria própria.

Podemos destacar que as disparidades regionais são fortemente influenciadas pela concentração estrutural de instituições e pela densidade populacional. A região Sudeste, por exemplo, beneficia de uma herança histórica que a consolidou como o principal polo científico e acadêmico do país, abrigando um grande número de universidades, programas de pós-graduação e centros de investigação. Essa desproporcionalidade da infraestrutura da região Sudeste do país, aliada a uma maior concentração populacional e urbana nesta região, gera naturalmente um volume maior de propostas, candidatos e, conseqüentemente, de resultados em termos de produção científica, criando um ciclo virtuoso que atrai mais talento e financiamento para a região. Por fim, é importante notar que, apesar da hegemonia do Sudeste, há dinâmicas específicas que explicam picos de crescimento em outras regiões. No Nordeste, por exemplo, observa-se uma tendência de crescimento, impulsionada por políticas públicas direcionadas e por ciclos de investimento voltados à interiorização e à expansão do ensino superior. No mapa de calor apresentado a seguir (Figura 3), a distribuição dos resultados é representada por uma escala cromática

que permite identificar padrões de concentração: as tonalidades mais escuras assinalam os estados com maior volume de ocorrências, enquanto as áreas com tons mais claros indicam uma presença mais reduzida de resultados.

Figura 3 – Total de Resultados por Região (em todo o intervalo considerado).

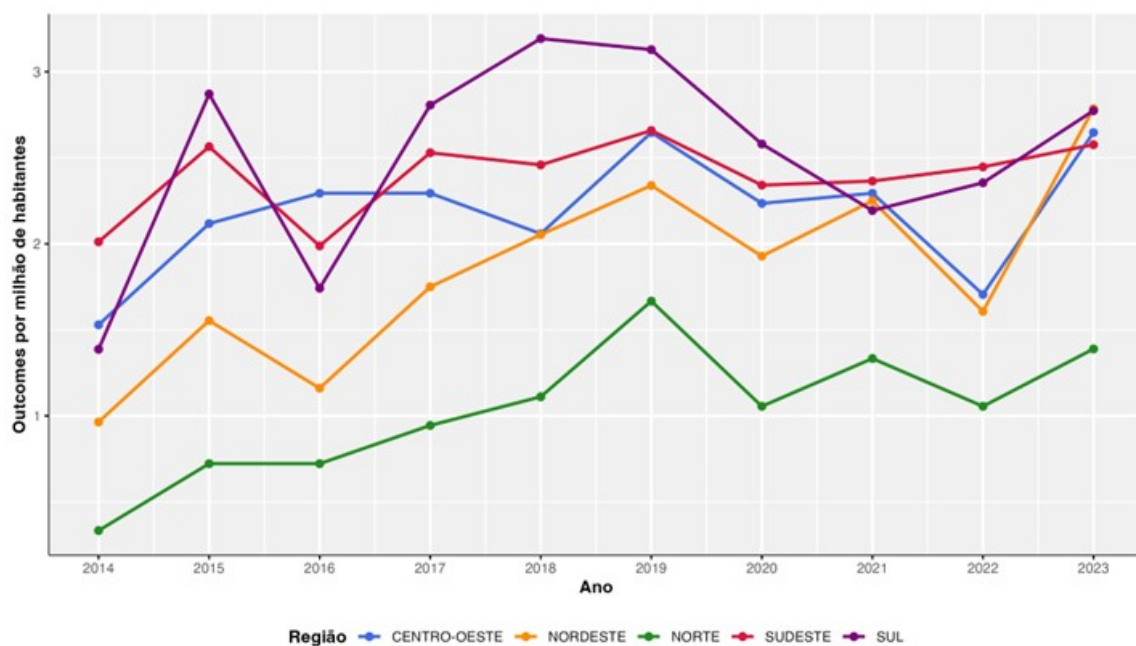


Fonte: Autoria própria.

Para uma análise mais precisa da produtividade regional, é essencial considerar indicadores que vão além dos números absolutos. A métrica de resultados por milhão de habitantes (Figura 4) revela que as regiões com os números totais maiores nem sempre são as mais eficientes quando ajustadas pela proporção entre a produção científica e o tamanho da população. Este indicador permite

identificar casos de sobreperformance, em que regiões de menor dimensão demográfica conseguem gerar um volume expressivo de resultados, ou, inversamente, evidenciar que alguns grandes centros podem não estar a capitalizar plenamente o seu potencial humano em determinado segmento. Nesse cenário, a região Sudeste se coloca em quarto lugar, em contraste com a concentração evidenciada pelo número absoluto.

Figura 4 – Resultados por habitante (por ano).

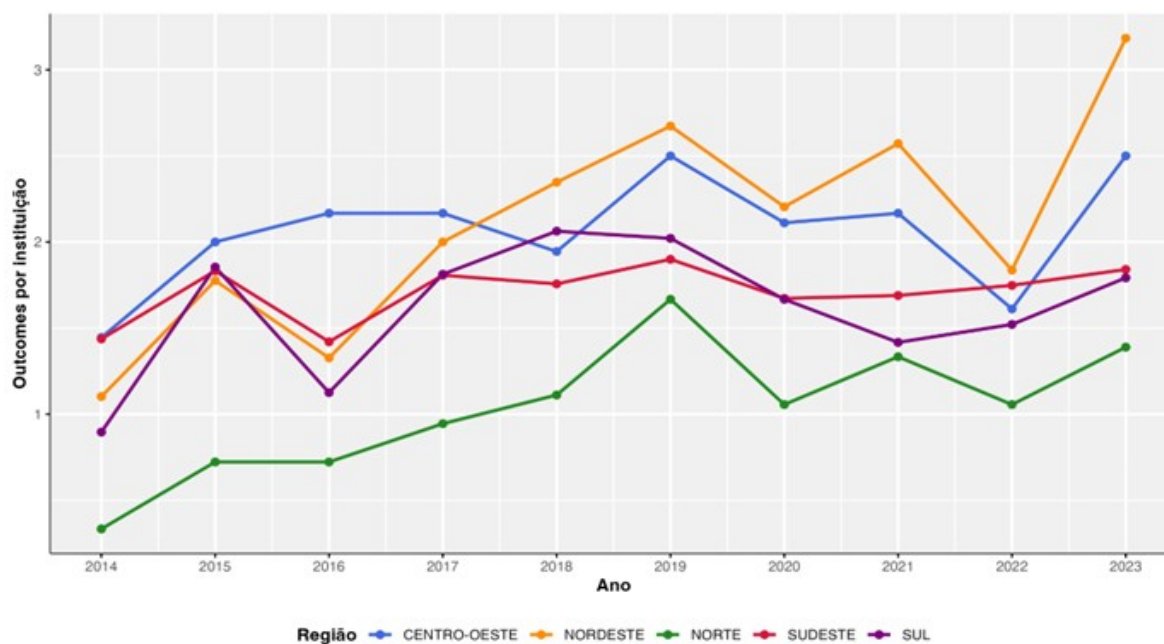


Fonte: Autoria própria.

De forma similar, analisamos a relação entre o número de instituições por habitante (Figura 5), que pode oferecer uma perspectiva complementar. Quando uma região apresenta um valor elevado neste quociente, isso sugere maior eficiência operacional ou

produtividade de suas instituições, o que aponta para fatores como maior integração em redes e centros de investigação. Nesse cenário, a tendência crescente do Nordeste a coloca como principal região no último ano analisado da série.

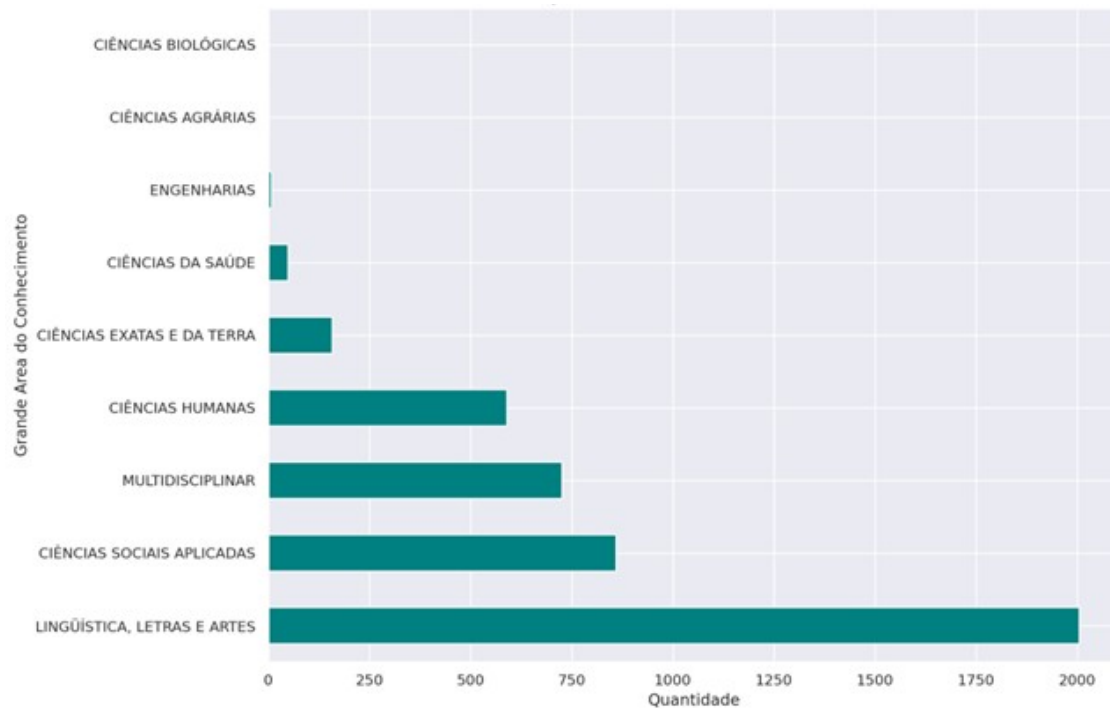
Figura 5 – Resultados por instituição (por ano).



Fonte: Autoria própria.

A análise da distribuição por grandes áreas do conhecimento (Figura 6) revela uma clara hierarquia, com uma área, Linguística, Letras e Artes (2.004), que se destaca substancialmente das demais em termos de volume de resultados. Em seguida, posicionam-se as Ciências Sociais Aplicadas (859), seguidas de perto pelas áreas Multidisciplinar (726) e Ciências Humanas (590), que apresentam patamares de produtividade semelhantes entre si. Esta configuração sugere não apenas a hegemonia de um campo científico específico, mas também a relevância consistente das áreas que dialogam diretamente com a semiótica, como será detalhado no próximo tópico.

Figura 6 – Resultados por Área do Conhecimento (em todo o intervalo considerado).

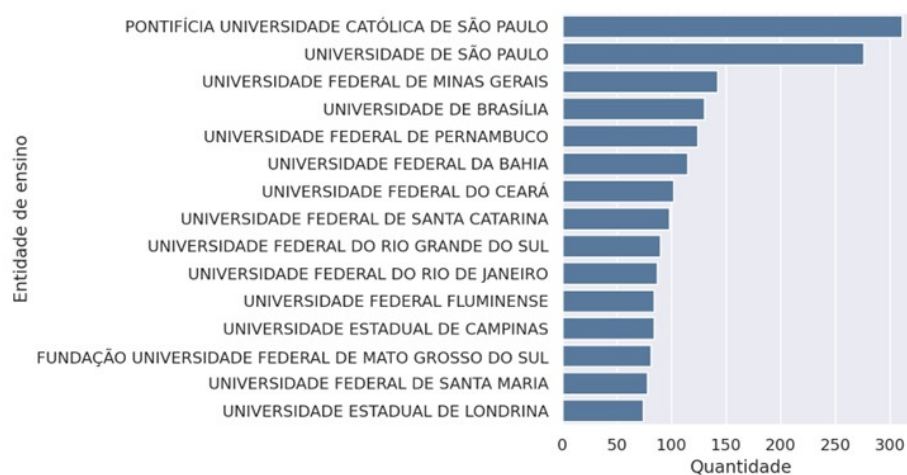


Fonte: Autoria própria.

É interessante observar as instituições que apresentam o maior número de teses e dissertações defendidas com os termos filtrados (Figura 7). Conforme percebemos no mapa de calor, o estado de São Paulo está nas duas primeiras posições, com a PUC-SP (311) e a USP (276), seguido por outra

instituição do Sudeste, a UFMG (142). Em quarto lugar, temos o Centro-Oeste com a UnB (130). Em quinto, sexto e sétimo lugares, estão três instituições do Nordeste: UFPE (124), UFBA (115) e UFC (102), o que corrobora o papel crescente da região na área analisada.

Figura 7 – Resultados por Instituição (em todo o intervalo considerado).

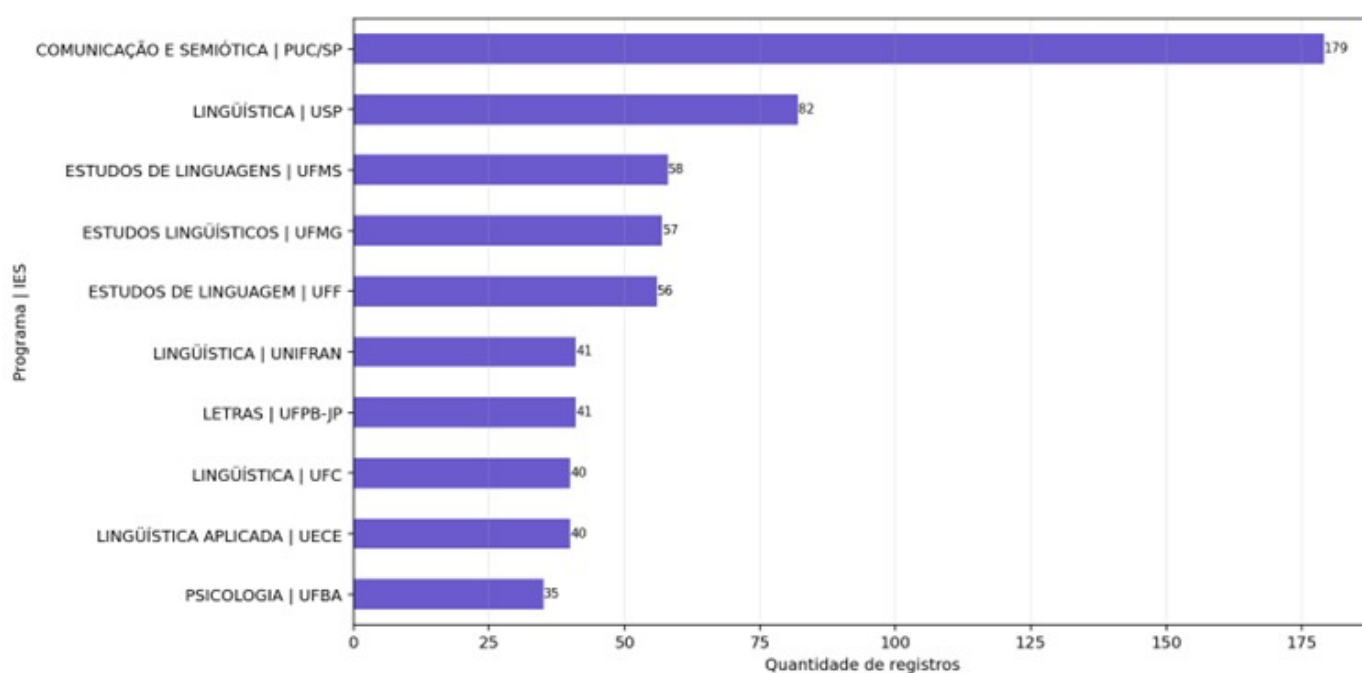


Fonte: Autoria própria.

Ao ampliar o foco da análise para os programas de cada instituição, é possível observar que o principal, em termos de produção, é o de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, com 179 trabalhos, na instituição que teve o maior número de produções no período analisado (311). O programa, criado em 1970, é um dos mais antigos na área de Comunicação no Brasil e tem, em seu próprio nome, a Semiótica, o que não significa necessariamente que todos os trabalhos defendidos neste programa estejam filtrados, caso não tenham utilizado o termo no título,

no resumo ou nas palavras-chave. “As teorias semióticas, apreendidas em sua relação com fenômenos e processos comunicacionais, constituem, no Programa — ainda que não em sua totalidade —, referências fundamentais para o desenvolvimento da produção intelectual docente e discente (...)” (Trivinho, 2014, p. 150). A Figura 8 apresenta os 10 programas com maior produção no período, sendo cinco sediados no Sudeste, quatro no Nordeste e um no Centro-Oeste.

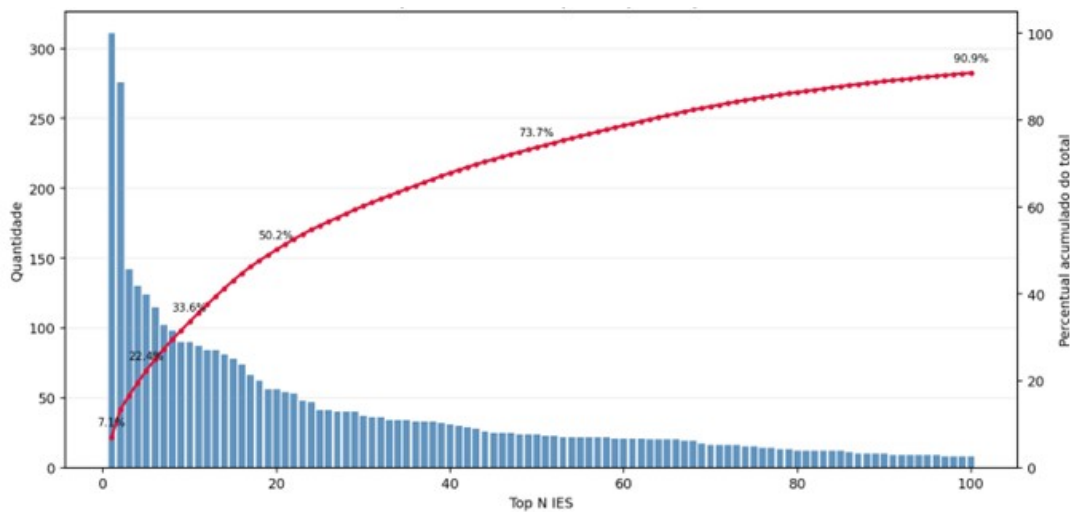
Figura 8 – Resultados por Programa (em todo o intervalo considerado).



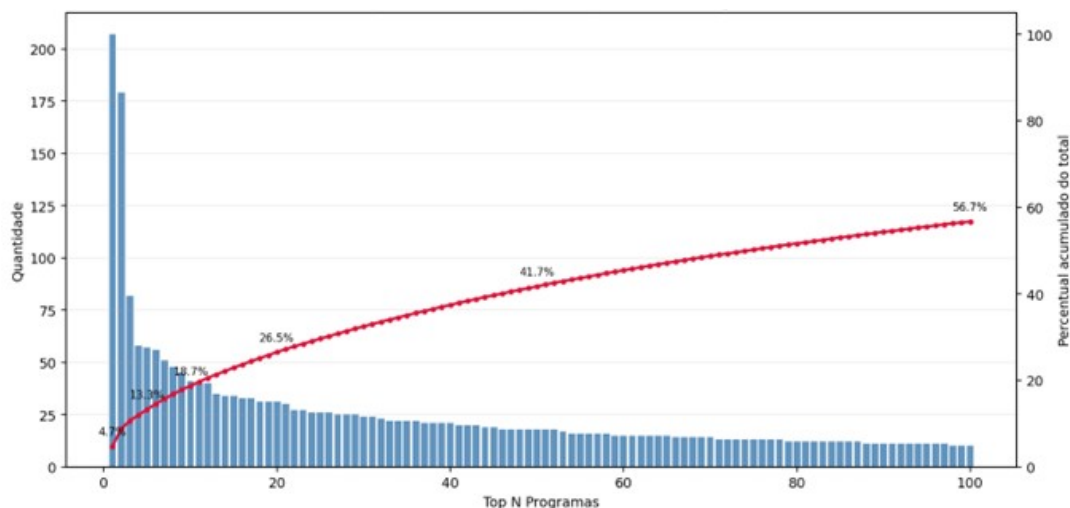
Fonte: Autoria própria.

Em termos práticos, a interpretação dos dados revela um padrão claro de concentração: enquanto as 20 principais instituições de ensino superior (IES) são responsáveis por cerca de metade de toda a produção acadêmica, é necessário considerar os 75 principais programas para atingir o mesmo patamar de 50%. Isso demonstra que a produção se mostra significativamente mais concentrada quando analisada por instituição do que quando observada por programa individual, indicando que poucas IES detêm grande parte da produção, mas que, dentro delas, a distribuição entre seus programas é mais diluída. As Figuras 9 e 10 ilustram esse

fenômeno por meio da curva de Pareto (ou curva 80/20), que evidencia como uma parcela relativamente pequena das instituições ou programas responde por uma fatia desproporcional da produção total, um padrão clássico em que poucos atores concentram a maior parte dos resultados, enquanto muitos contribuem com uma fração menor do total.

Figura 9 – Proporção entre Instituição e Produção (em todo o intervalo considerado).

Fonte: Autoria própria.

Figura 10 – Proporção entre Programa e Produção (em todo o intervalo considerado).

Fonte: Autoria própria.

5 Relação com a tradição

Como vimos, a origem da semiótica foi marcada pela singularidade de ter surgido quase simultaneamente em três lugares distintos. Hoje em dia, este organismo cresceu e se adaptou a questões próprias de seu ambiente. É interessante, no entanto, indagar: (A) que tipo de relação a semiótica contemporânea ainda guarda com a sua origem? E ainda: (B) como as várias áreas de pesquisa interessadas em semiótica estão criando vocabulários próprios? Com o intuito de explorar estas questões,

neste tópico focamos na questão A e elaboramos uma análise da relação dos trabalhos presentes em nosso *corpus* com as tradições da semiótica. No tópico seguinte, será a vez de abordar a questão B.

O objetivo desta etapa é identificar em que medida os trabalhos de pós-graduação atuais sobre semiótica ainda guardam relação com as três tradições dos estudos da semiótica que, como vimos, surgiram nos EUA, na Europa e nos países eslavos. Para isso, foram estabelecidas quatro categorias, sendo as três primeiras baseadas nas correntes semióticas relacionadas à origem geográfica:

semiótica discursiva, semiótica peirciana e semiótica da cultura. A quarta categoria visou incluir abordagens semióticas que representam uma interdisciplinaridade, especialmente em relação a tradições subsequentes. Sem a pretensão de uma classificação exaustiva, elaboramos uma lista de termos que pudessem ser claramente associados a cada categoria.

1. Semiótica discursiva: caracterizada pelos autores “Greimas”, “Benveniste”, “Hjelmslev”, “Barthes”, “Kristeva”, “Pêcheux”, “Rastier”, “Charaudeau”, “Coquet”, “Orlandi”, “Ducrot”, “van Dijk”, “Fairclough”, “Fiorin”, “Diana”, “Barros; e pelos conceitos discursivo”, “discursiva”, “quadrado semiótico”, “nível narrativo”, “programa narrativo”, “percurso gerativo”, “isotopia”, “discursividade”, “debreagem”, “enunciva”, “enunciativa”, “enunciação”, “enunciatário”, “função narrativa”, “actante”, “semiótica das paixões”;

2. Semiótica peirciana: identificada pelos autores “Peirce”, “Santaella”, “Nöth”, “Houser”, “Colapietro”, “De Tienne”, “Liszka”, “Hausman”, “Ibri”, “Bergman”, “Priscila Borges”, “Romanini”, “João Queiroz”, “Lauro Silveira”, “Duval”; e pelos conceitos “ícone”, “quali-signo”, “qualissigno”, “sin-signo”, “sinsigno”, “legi-signo”, “legissigno”, “dicissigno”, “dicente”, “interpretante”, “objeto imediato”, “experiência colateral”, “pragmatismo”;

3. Semiótica da cultura: marcada pelos autores “Lotman”, “Lótman”, “Irene Machado”, “Todorov”, “Torop”, “Nisia Trindade”, “Regiane Nakagawa”; e pelos termos “semiosfera”, “semiótica da cultura”, “russa”, “tradução da tradição”, “modelizante”, “mnemônica”, “texto cultural”, “textos culturais”, “momento explosivo”, “explosão cultural”;

4. Semiótica interdisciplinar: identificada pelos autores “Rousseau”, “Habermas”, “Searle”, “Badiou”, “Derrida”, “Foucault”, “Goldmann”, “Bakhtin”, “Verón”, “Deleuze”, “Fabri”, “Umberto Eco”, “Duval”; e pelos termos “funções da linguagem”, “intersemiótica”, “intersemiótico”, “biossemiótica”.

Utilizando este glossário, foi possível identificar que, do universo de pesquisa (4.398 trabalhos), conseguimos classificar 2.820 em pelo menos uma categoria. Esta quantidade de trabalhos

classificados representa 64,12% do total de trabalhos analisados, o que sugere, por um lado, que (A) o glossário acima não é capaz de representar toda a complexidade do universo de pesquisas que se interessam por semiótica (apesar de classificar a maioria dos trabalhos); e, por outro lado, (B) há um vasto universo de pesquisas que se utilizam de termos como “semiótica”, mas cuja classificação e análise não se baseia na relação com as linhas que representam as tradições da semiótica. Ainda assim, algumas considerações interessantes podem ser feitas.

A primeira questão que salta aos olhos, já em uma análise de termos absolutos, é o grande número de pesquisas que podem ser facilmente associadas à tradição da semiótica discursiva (total de 1.475 trabalhos no período) ou que têm algum caráter interdisciplinar (total: 1.160), especialmente quando contrastadas com o total de trabalhos que dialogam abertamente com a tradição da semiótica peirciana (total: 712) ou com a semiótica da cultura (total: 213). Essa distribuição desigual sugere que a semiótica discursiva é bastante dominante na ciência brasileira, o que, por sua vez, sugere que há uma maior influência da tradição europeia do que das demais tradições do norte global (sobretudo da América do Norte e da Rússia) nas pesquisas brasileiras em semiótica.

No entanto, para além dos números de trabalhos que fazem referência a uma das tradições da semiótica, há também um cruzamento interessante entre as quatro categorias acima. A tabela a seguir mostra o número de trabalhos associados a cada uma das tradições, inclusive os que podem ser associados a mais de uma delas.

Tabela 1 – Trabalhos associados a tradições

Tradição associada	Trabalhos
discursiva	973
peirciana	460
cultura	102
interdisciplinar	622
discursiva; peirciana	75
discursiva; cultura	32
discursiva; interdisciplinar	330
peirciana; cultura	16
peirciana; interdisciplinar	97
cultura; interdisciplinar	39
discursiva; peirciana; cultura	2
discursiva; peirciana; interdisciplinar	50
discursiva; cultura; interdisciplinar	10
peirciana; cultura; interdisciplinar	9
discursiva; peirciana; cultura; interdisciplinar	3

Fonte: Autoria própria.

Como era de se esperar, a tabela sugere que a maior parte dos trabalhos se relaciona com apenas uma tradição semiótica. Dentre os trabalhos que se relacionam com duas tradições, a maior prevalência é do par “discursiva e interdisciplinar” (330), seguido por “peirciana e interdisciplinar” (97), “discursiva e peirciana” (75), “cultura e interdisciplinar” (39), “discursiva e cultura” (32), “peirciana e cultura” (16), nesta ordem. É interessante observar que, apesar da alta prevalência dos trabalhos relacionados à tradição discursiva, os trabalhos com algum caráter interdisciplinar são mais afeitos a um diálogo com mais de uma tradição semiótica, já que se observa maior recorrência de trabalhos classificados como “peirciana e interdisciplinar” (97) do que “discursiva e peirciana” (75), por exemplo. O mesmo ocorre com a prevalência dos trabalhos classificados como “cultura e interdisciplinar” (39) em relação aos classificados como “discursiva e cultura” (32). Dentre os trabalhos que dialogam com três das classificações, essa diferença se torna ainda maior, já que as classificações que incluem a categoria “interdisciplinar” como uma das três contêm 69 trabalhos, enquanto a classificação que não apresenta nenhum traço da categoria “interdisciplinar”, mas contém todas as três tradições semióticas, contém apenas dois trabalhos.

Pouquíssimos trabalhos em semiótica exploram ao mesmo tempo as três tradições mais clássicas e ainda apresentam alguma característica de interdisciplinaridade (três trabalhos em todo o período analisado).

6 Análise dos temas recorrentes: como a semiótica é estudada nas diversas áreas

Nesta seção, será abordada a questão B enunciada no início do tópico anterior (vale lembrar: como as várias áreas de pesquisa interessadas em semiótica estão criando vocabulários próprios?). Assim, analisamos aqui a composição dos termos mais frequentes nos trabalhos das diversas áreas do conhecimento, para tentar vislumbrar os campos semânticos que constituem os diferentes “jogos de linguagem” (para usar uma expressão de Wittgenstein) da semiótica nas diversas áreas.

Um dos problemas do universo pesquisado é que, dentre as diversas áreas da CAPES, várias delas não têm demonstrado recorrência de trabalhos na temática da semiótica. A área da física, por exemplo, apresentou apenas um trabalho com o termo “semiótica” nos dez anos que compõem o universo de nosso estudo. Desse modo, com o intuito de

representar um “vocabulário” de uma comunidade científica para esta análise (e não de um conjunto unitário ou muito pequeno de trabalhos científicos, que fosse pouco representativo de um interesse coletivo), foi preciso criar algum critério de inclusão e exclusão adicional, de modo a incluir apenas as áreas do conhecimento que demonstram algum interesse coletivo pela semiótica. O critério escolhido foi considerar apenas as áreas que tiveram, ao longo de dez anos, pelo menos 30 trabalhos com pelo menos um dos termos relacionados à semiótica (isto é, “semiótica”, “semiótico” ou “semiose”). Com este critério, obtivemos o seguinte resultado: Letras (1.335), Comunicação (581), Ensino (532), Linguística (526), Educação (291), Interdisciplinar (187), Artes (143), Psicologia (138), Desenho Industrial (83), Ciência da Computação (80), Direito (65), Matemática (57), Ciência da Informação (49), Filosofia (48), Administração (43), História (33).

Algumas conclusões já podem ser tiradas apenas ao olhar para a distribuição dos trabalhos por cada uma das 16 áreas classificadas. É notável a predominância do interesse da área das Letras pela

semiótica, que teve sozinha mais do que o dobro do segundo lugar (Comunicação). É notável também a forte prevalência das áreas de Letras, Comunicação, Ensino, Linguística e Educação, que, somadas, totalizaram 3.265 trabalhos, o que é mais do que o triplo do resultado das demais áreas da lista, que, somadas, totalizaram 926 trabalhos sobre semiótica (3,52 vezes menos que as cinco dominantes). Assim, a análise dos números de trabalho por área revela que a prática das pesquisas em semiótica, no Brasil, tem como marca a enorme predominância de pesquisas relacionadas às linguagens (Letras e Linguística), à comunicação (Comunicação) e à educação (Ensino e Educação).

No entanto, a análise dos números de trabalho por área não revela o vocabulário dessas 16 áreas em relação à semiótica. Com o intuito de obter uma ideia do campo semântico associado à semiótica, identificamos a nuvem de termos predominantes nas pesquisas dessas diferentes áreas. Abaixo estão as nuvens de palavras por área:

Figura 11 – Nuvens de palavras por área (Administração, Artes, Ciência da Computação, Ciência da Informação, Comunicação, Desenho Industrial, Direito, Educação, Ensino, Filosofia, História, Interdisciplinar, Letras, Linguística, Matemática, Psicologia).



Fonte: Autoria própria.

Quando olhamos para as nuvens de palavras acima, é possível notar que o que cada área entende por semiótica é muito diferente. Enquanto em algumas áreas se destacam termos como “consumo” e “marketing”, em outras se destacam “engenharia” e “interação”, em outras “ensino” e “formação”, e, em outras ainda, “self” e “cultural”. A fim de caracterizar os campos semânticos das diferentes áreas, tendo em vista esclarecer como esses campos semânticos podem revelar similaridades no modo como essas áreas realizam suas pesquisas em relação à semiótica, nossa análise identificou alguns padrões que compõem 6 grupos que expressam uma similaridade entre as diversas áreas:

1. Linguagens em código verbal (Letras e Linguística)
2. Comunicação e marketing (Comunicação e Administração)
3. Educação (Educação e Ensino)
4. Artes e design (Artes, Desenho Industrial)
5. Ciências exatas (Matemática, Computação, Informação, Engenharia)
6. Ciências humanas (Filosofia, Psicologia, História)

Expliquemos o campo semântico destes seis grupos de áreas.

(1) Quando a semiótica é estudada pelas ciências das *linguagens em código verbal* (Letras e Linguística), nota-se uma prevalência de temas que exploram a construção do sentido por meio do texto. Alguns dos termos mais presentes são: literatura, tradução, intersemiótica, multimodalidade, conto, romance, discurso, oral, ensino e língua. Além destes, há também certa proeminência de temas que apontam para o ensino relacionado à linguagem verbal, como: leitura, letramento, multiletramento, leitor, Libras e surdos. Há também temas sociais, como: memória, discurso, gênero. Por fim, vale destacar que nas letras e na linguística, aparecem temas que sugerem metodologias qualitativas, como: análise, crítica, semântica, enunciativa e prática.

(2) Quando a semiótica é estudada pelas ciências sociais aplicadas à *comunicação e ao marketing* (Comunicação e Administração), nota-se

uma prevalência de temas sociais, associados a termos como: cultura, organizacional, crise, discurso, identidade e gênero. Nota-se também temas relacionados à publicidade e ao marketing, como: consumo, consumidor, luxo, marca, comportamento. Além disso, notam-se temas relacionados às artes, como: cinema, música, imagem, jogos, beleza, moda, humor; além de temas relacionados aos meios de comunicação de massa e ao jornalismo, como: meio, Globo, informação, notícia, fake, capa e charge.

(3) Nas áreas com foco em educação (Educação e Ensino), a semiótica costuma ser articulada com processos de ensino e aprendizagem, expressos por termos como: educação, ensino, leitura, letramento, multiletramento, formação, didático, mediação, escola e professor. Há também uma recorrência marcante de temas ligados a uma “alfabetização científica” em áreas específicas, expressos por palavras como: matemática, geometria, sociais; e também em recursos didáticos, expressos pelos termos: tecnologia, registro, representação, taxa e gráficos.

(4) Nas áreas ligadas às artes e ao design (Artes e Desenho Industrial), é possível notar uma prevalência de materialidades artísticas, como: arte, musical, música, imagem, processo, criação, cena. Há também expressões ligadas à percepção sensorial, como: visual, gesto, som e corpo. No caso das artes, nota-se a presença de linguagens artísticas, como: performance, dança, fotografia, teatro e canção; enquanto no desenho industrial, uma relação com a atividade projetual, como: prática, método, projetual, pessoa, informação, contexto.

(5) Nas ciências exatas e da informação (Matemática, Computação, Informação, Engenharia), nota-se a predominância de ideias como: informação, interação, engenharia, organização, sistema, conhecimento, ensino, registro e representação. Além disso, aparecem com frequência termos técnicos da computação, como: Android, wabind, sidetalk, rotacolb, dados, web e ontologia; e também termos associados a métodos e abordagens próprios de ciências que se concentram na relação entre homens e máquinas, sobretudo em termos como: humano-

computador, usabilidade, design, interface, método, simulação, multimodalidade, análise, registro e tratamento.

(6) Nas ciências humanas (Filosofia, Psicologia, História), aparece uma diversidade de termos, como cultura, signo, linguagem e representação. A diversidade dessas nuvens é maior do que a das demais áreas. Enquanto na filosofia aparecem termos mais associados à tradição da semiótica peirciana, como: Peirce, signo, informação, pragmatismo; na história aparece mais uma mistura de termos que aparecem nas áreas das artes e da educação, com termos como: fotografia, ensino, aprendizagem, fílmica; e na psicologia, a semiótica costuma se associar com questões do sujeito, como: self, subjetividade, desenvolvimento, semiótico-cultural.

A análise dos termos mais recorrentes nas áreas sugere algumas diferenças notáveis entre os campos semânticos de cada área que se interessa por semiótica:

Nas áreas relacionadas às linguagens e ao código verbal, a semiótica parece ser entendida como uma ponte metodológica entre as estruturas da linguagem verbal e questões sociais relacionadas à produção de sentido. Nas áreas da comunicação e da administração, a semiótica parece ser vista como uma abordagem que fomenta a reflexão sobre as dimensões social, artística e midiática dos signos. Nas áreas da educação, a semiótica parece ser vista mais como uma abordagem relacionada à didática, associando-se a metodologias que possam auxiliar na conversão de diferentes registros de representação (de texto para gráfico, de número para texto etc.), servindo ao desenvolvimento do aprendizado, do raciocínio lógico e do “letramento”. Nas artes e no design, a semiótica parece servir como uma forma de se compreender e analisar uma espécie de gramática do não-verbal, isto é, uma espécie de sistema de linguagem das formas, das cores, dos sons e das composições. Nas ciências exatas, a semiótica parece uma ciência para estudar a tradução de signos entre sistemas de linguagem humanos e maquínicos, ou uma abordagem para estruturar acervos de dados e

informações. Por fim, nas ciências humanas em geral, a semiótica não costuma ser adotada como metodologia, mas sim como uma lente para compreender questões sobre o humano, a sociedade e a realidade.

7 Discussão sobre os resultados: a semiótica no Brasil

Os dados analisados neste estudo permitem lançar luz sobre as pesquisas em semiótica no Brasil contemporâneo. Longe de ser um campo homogêneo, a semiótica aparece nas teses e dissertações analisadas como uma ferramenta transversal mobilizada por pesquisadores de áreas muito distintas e de maneiras muito distintas entre si. Essa pluralidade, embora rica, levanta uma questão estrutural que atravessa todo o campo: a semiótica, no contexto da produção acadêmica brasileira, é uma disciplina ou um método?

O principal achado deste trabalho é que a semiótica no Brasil não constitui um campo unificado, tem um forte caráter interdisciplinar e é mobilizada em uma pluralidade de áreas do conhecimento. Os seis grupos temáticos identificados (linguagens verbais, comunicação e marketing, educação, artes e design, ciências exatas e ciências humanas) mobilizam vocabulários, referenciais teóricos, objetos e objetivos de pesquisa tão distintos que dificilmente poderiam ser descritos por uma única definição de semiótica. Essa fragmentação, aliás, não é um problema do campo brasileiro: ela é constitutiva da própria semiótica, que tradicionalmente se divide em discursiva, peirciana e da cultura, e cuja predominância nas pesquisas contemporâneas da pós-graduação brasileira segue esta ordem (semiótica discursiva em primeiro lugar, seguida das demais, nesta ordem).

Diante desse cenário, é possível identificar ao menos dois grandes usos da semiótica nos trabalhos analisados. De um lado, uma semiótica A, orientada ao estudo dos signos e dos discursos que circulam na esfera social, que funciona ora como ciência que estuda os sistemas de linguagem (e que se constitui de modos distintos a depender das áreas), ora como

um método de análise de produtos culturais, artísticos, midiáticos, textuais e educacionais. Essa abordagem é predominante nas áreas de Letras, Linguística, Comunicação, Educação e Artes e tende a mobilizar referenciais teóricos mais aptos a serem aplicados à análise de linguagens. De outro lado, uma semiótica B, orientada ao estudo da cognição, que funciona como método para modelar processos de percepção, aprendizagem, interação e tradução entre a linguagem humana e a linguagem de máquina, sobretudo na computação. Essa abordagem emerge com força nas áreas de Ciência da Computação, Matemática, Engenharia e Ciência da Informação, nas quais a semiótica é acionada para pensar as estruturas de sistemas, a organização do conhecimento e a interação humano-máquina.

Essa distinção tem implicações diretas para a identificação dos centros de produção de cada abordagem. A semiótica A concentra-se sobretudo em instituições das áreas de humanidades, com destaque para a PUC-SP e para universidades do Sudeste e do Nordeste com forte tradição em Letras e Linguística. Já a semiótica B tem presença mais dispersa, emergindo em programas de pós-graduação em Computação, Engenharia e Informação distribuídos por diferentes regiões do país, ainda que também com concentração no Sudeste, em termos absolutos.

Algumas limitações importantes devem ser consideradas ao interpretar esses resultados. Os limites de nossa análise se evidenciam sobretudo na escolha da base de dados (de teses e dissertações), do território geográfico (Brasil) e do intervalo temporal (2014 a 2023), o que representa um recorte relevante, porém parcial, da produção da pós-graduação brasileira recente em semiótica. Em estudos futuros, seria interessante ampliar o mapeamento para incluir também artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais, outros intervalos temporais e até mesmo outros idiomas, o que permitiria identificar tendências complementares e verificar se os padrões observados nas pesquisas de pós-graduação no Brasil se reproduzem na produção em formato de artigo ou em outros territórios.

Outro limite diz respeito à nossa escolha terminológica: a análise que fizemos trata apenas de trabalhos sobre semiótica que se referem a esta ciência dessa forma. Sabe-se que há outros termos na própria língua portuguesa para se referir à semiótica. O principal deles é "semiologia", termo que não foi incluído na análise e, portanto, representa uma limitação do estudo. As escolhas feitas no glossário empregado para classificar a relação dos trabalhos do *corpus* com as tradições semióticas também têm um limite. As categorias adotadas, a partir de nomes de autores e termos-chave mais comuns nas tradições, funcionam como metonímias úteis para identificar a relação de um trabalho com uma tradição semiótica dentre as três incluídas, o que não captura toda a complexidade das filiações teóricas. Somente o próprio campo, isto é, da comunidade de seus pesquisadores, poderia construir um glossário mais preciso e consensual para classificar, com maior rigor, a relação de um trabalho contemporâneo com uma determinada tradição semiótica. De todo modo, os resultados aqui apresentados conseguem trazer para o campo um retrato parcial, como são todos os recortes, sobre o que a semiótica vem sendo na prática da pesquisa brasileira.

Referências

- BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ECO, Umberto. *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- GREIMAS, Algirdas Julien *et al.* *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

LOTMAN, Iuri M. *La semiosfera I: Semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

MACHADO, Irene. *Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscú para o estudo da cultura*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2003.

NÖTH, Winfried. *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995. v. 3.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lucia; VIEIRA, Jorge Albuquerque. *Metaciência como guia da pesquisa: uma proposta semiótica e sistêmica*. São Paulo: Mérito, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHMIDT, Lawrence K. *Hermenêutica*. Petrópolis: Vozes, 2012.

TRIVINHO, Eugênio. Programa de estudos pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP – 42 anos dedicados a pesquisas interdisciplinares sobre comunicação, cultura e tecnologia. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 9, n. 17, 2014.

VAN DIJK, Teun A. Discurso e poder. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 281–281.